

O ARTESANATO NOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA - RS : DESIGN E SUSTENTABILIDADE

The handicrafts in the Campos de Cima da Serra - RS:

Design and sustainability

De Carli, Ana Mery Sehbe. Universidade de Caxias do Sul.
sdecarli@terra.com.br¹

Resumo

O presente trabalho é parte de pesquisa realizada sobre o artesanato da Região dos Campos de Cima da Serra (RS) atendendo aos interesses de dois grupos de pesquisa da UCS, devidamente cadastrados no CNPq, que tem como interface linhas de pesquisa voltadas para a sustentabilidade. O primeiro – *Interdisciplinaridade, cidades e desenvolvimento sustentável do meio ambiente*, integra o pós-graduação strito sensu do curso de Direito e o segundo *Design, sustentabilidade e tecnologia, ligado ao Centro de Artes e Arquitetura*, mais especialmente ao curso de Design de Moda.

Palavras chave: sustentabilidade; design; artesanato; capacitação e qualificação.

Abstract

The present article is part of a research that is going on about the handicraft of the Região dos Campos de Cima da Serra (RS). The research attend the interests of two research groups of the UCS, that has as interface, lines of investigation on sustainability. Both are registered in the CNPq research groups. The first "Interdisciplinarity, cities and sustainable development of the environment", integrates the post-graduation strito sensu of the Law's Center, the second "Design, sustainability and technology", belongs to the Center of Arts and Architecture, more specially to the Fashion Design course.

Keywords: sustainability; Design; Crafts; Training; qualification.

1. ASPECTOS GERAIS DA REGIÃO

O presente artigo tem por objetivo fazer um mapeamento do artesanato na região dos Campos de Cima da Serra - RS, e estudar sua potencialidade como produto de mercado com design e identidade, para a geração de trabalho e renda para cidadãos e cidadãs. A região constitui o Conselho Regional de Desenvolvimento,

¹ Doutora em Comunicação e Semiótica PUCSP. Coordenadora do grupo CNPq: Design, Sustentabilidade e Tecnologia. Prêmio Economia Criativa 2012 da Sec. de Economia Criativa do MinC. Membro do comitê científico do CIMODE e do Colóquio de Moda. Docente na da UCS. Coorganizadora do livro: Moda sustentabilidade e emergências (2012), entre outros.

COREDE Campos de Cima da Serra e juntamente com o COREDE Serra e COREDE das Hortênsias integra a Região Funcional 3, a RF3, do Plano Plurianual 2016-2019, do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. (Cadernos de Regionalização, RF3, 2016, p.21).

O COREDE Campos de Cima da Serra engloba dez municípios: Vacaria, Bom Jesus, Ipê, São José dos Ausentes, Campestre da Serra, Esmeralda, Monte Alegre dos Campos, Muitos Capões, Pinhal da Serra e André da Rocha. O território é formado por uma planície elevada, com altitudes que variam entre 900 e 1.400 metros acima do nível do mar, a maior altitude do Rio Grande do Sul (KRONE, 2009). É localizado no extremo nordeste do Estado e faz divisa ao norte com Santa Catarina, a vegetação predominante é o campo, com presença de araucárias.

A Agropecuária predomina na região como fonte econômica. A produção agrícola é bem diversificada e os principais produtos são: milho, trigo, soja, maçã, uva e pêsego. Recentemente, outros cultivos mais adaptados às condições de solo e ao regime de chuvas têm demonstrado bom desempenho, como morango, mirtilo, physalis, amora, framboesa, alcachofra, produção de mudas e a própria vitivinicultura (Bertê et al, 2016, p.138). A pecuária, desde os primórdios, dedica-se a criação de bovinos de corte e de leite.

A Indústria tem pouca participação no COREDE Campos de Cima da Serra e está concentrada em Vacaria, que é o primeiro PIB da região e situa-se entre os 50 maiores PIB do Estado. (Cadernos de regionalização, 2016, p.22 e 24).

O Turismo se apresenta como potencialidade na Região, embora seja prejudicado pela infraestrutura de transportes. As promissoras atrações são os *canyons* dos Aparados da Serra (São José dos Ausentes), cultura dos antigos tropeiros (Vacaria) e Hidroelétrica de Barra Grande (Pinhal da Serra). Vale notar que essas atrações estão situadas próximas de municípios turísticos já consolidados do COREDE Serra (Bento Gonçalves) e do COREDE Hortênsias (Gramado, Canela e Cambará). (Bertê et al, 2016, p.113 e 138).

Anotadas algumas características da região completamos a introdução trazendo objetivos do Plano Plurianual 2016-2019 do Governo do RS, que elencou diversos programas de desenvolvimento para a Região Funcional 3 – RF3 e seus respectivos COREDEs: Serra, Hortênsias e Campos de Cima da Serra. O programa em questão é: Emprego, Trabalho e Renda, que inclui ação específica para o objeto deste artigo, ou seja, desenvolvimento do artesanato como geração de trabalho e renda. Os objetivos desta ação são:

Apoiar a organização do trabalho artesanal no RS, habilitar o artesão para o exercício da profissão, emitir a carteira profissional, registrar no Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro (SICAB), apoiar a realização e participação em feiras municipais, estaduais, nacionais e internacionais de artesanato. Revitalizar Casas do Artesão e expandir onde não existe. Disponibilizar um canal pela internet para comercialização de produtos artesanais. Efetuar a qualificação profissional do artesanato, priorizando regiões em desenvolvimento e em condição de vulnerabilidade social. (Cadernos de regionalização – RF3, 2016, p.83).

O Plano Plurianual 2016-2019 bem assinalou através dos objetivos apresentados a importância do artesanato para os COREDEs do RF3, pois esta atividade além de interagir com o Turismo, que tem grande potencial de desenvolvimento, amplia fontes de renda local evitando migração para centros metropolitanos, e ainda mantém e renova bens culturais preservando a identidade. Mas é preciso como bem sinalizado nos objetivos “efetuar a qualificação do artesanato”.

Segundo Venzon, Rela e Manfredini (2012) antes dos imigrantes chegarem à Serra Gaúcha e arredores, as terras eram percorridas por tropeiros e ocupadas por índios e bugres. A convivência dos nativos com exploradores e imigrantes permitiu a miscigenação e a construção de uma nova cultura. Negociantes, pequenos produtores e artesãos compartilharam conhecimentos e tradições do fazer manual, facilitando suas vidas cotidianas com objetos utilitários e também estéticos.

Portanto os valores culturais e de identidade precisam estar presentes no artesanato contemporâneo. Saber resgatar esta cultura da miscigenação para explorar os diferenciais que agregam valor de mercado ao artesanato é um trabalho que pode ser desenvolvido com a integração de designers e artesãos.

Cabe ressaltar que o artesanato, considerando a base conceitual explicitada na portaria No 29, de 5 de outubro de 2010 da Secretaria de Comércio e Serviços Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Diário Oficial da União, seção 1, Nº 192, 06/10/2010, p.100.), não pode abrir mão da identidade cultural, e menos ainda da característica própria e criativa que reflete a personalidade do artesão e a relação deste, com o contexto sociocultural do qual emerge. Assim na próxima seção serão esclarecidos alguns conceitos para o fundamento deste trabalho.

2. O ARTESANATO: Conceitos e Características

O artesanato é uma atividade criativa que favorece o trânsito através de vertentes culturais distintas, portanto, as técnicas que se diferenciam de acordo com a cultura, o

estilo de vida do local e as matérias-primas disponíveis para a produção, tornam o artesanato mais rico, mais vivo e impregnado de uma identidade regional. O Artesanato, segundo Art. 4º da portaria No- 29, de 5 de outubro de 2010 da Secretaria de Comércio e Serviços, MDIC, é assim conceituado:

Artesanato compreende toda a produção resultante da transformação de matérias-primas, com predominância manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural (possui valor simbólico e identidade cultural), podendo no processo de sua atividade ocorrer o auxílio limitado de máquinas, ferramentas, artefatos e utensílios.

Na publicação do IBGE *Perfil dos Estados e dos Municípios Brasileiros, Cultura* (2014), a atividade artesanal está definida como a atividade produtiva caracterizada como trabalho preponderantemente manual, realizada por artesão cujo conhecimento e modos de fazer estão enraizados no cotidiano das comunidades. E, sua finalidade pode ser utilitária ou artística.

Aguiar (2012) alerta para o “alto potencial de geração de renda e trabalho do artesanato, merecendo políticas de desenvolvimento sustentável, associadas a projetos sociais e de desenvolvimento turístico”.

Segundo Borges (2011), “o lugar do artesanato na sociedade contemporânea está se expandindo”, pois o que passa a contar é “a capacidade dos objetos de aportar aos usuários valores que vêm sendo mais reconhecidos recentemente, como calor humano, singularidade e pertencimento”. Assim o artesanato deve, além dos aspectos sociais de geração de renda e atendimento de comunidades de risco, agregar valores de mercado como identidade, cultura, criatividade e certamente qualidade.

O artesanato é “a atividade cultural de maior ocorrência nos municípios brasileiros” (BORGES, 2011). Conforme a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, realizada em 2014 pelo IBGE, o artesanato está presente em 78,6% dos municípios como atividade econômica (*Perfil dos Estados e dos Municípios Brasileiros, Cultura 2014*, p.22). Segundo *Manual de Orientação do Artesanato Gaúcho* (2015, p.5), há no Rio Grande do Sul mais de 84 mil artesãos profissionais ativos, com renda média de um salário mínimo mês e com volume anual acumulado de vendas superior a 45 milhões de reais.

No cenário nacional são significativos os indicadores que constam na publicação do IBGE – *Perfil dos Estados e dos Municípios Brasileiros, Cultura 2014*, sobre o desempenho cultural dos diversos estados brasileiros.

Na Tabela 1 a seguir, podemos observar 19 tipos de atividades artísticas desenvolvidas nos Brasil e o seu desempenho no período de 2006 a 2014.

Tabela 1: Percentual de municípios com grupos artísticos, com indicação da variação percentual, segundo o tipo de atividade desenvolvida

Tabela 2 - Percentual de municípios com grupos artísticos, com indicação da variação percentual, segundo o tipo de atividade desenvolvida – Brasil – 2006/2014			
Tipo de atividade desenvolvida	Percentual de municípios com grupos artísticos (%)		Variação 2014/2006 (%)
	2006	2014	
Artesanato	64,3	78,6	22,2
Manifestação tradicional popular	47,2	71,9	52,3
Dança	56,1	68,5	22,1
Banda	53,2	68,4	28,6
Capoeira	48,8	61,7	26,4
Grupo musical	47,2	54,6	15,7
Coral	44,9	50,4	12,2
Bloco carnavalesco	34,2	46,9	37,1
Teatro	39,9	43,4	8,8
Orquestra	11,5	22,1	92,2
Partes plásticas e visuais	22,2	19,6	(-) 11,7
Escola de samba	11,4	14,6	28,1
Associação literária	9,4	13,8	46,8
Cinecluble	4,2	13,6	223,8
Gastronomia	-	13,6	-
Arte digital	-	7,2	-
Moda	-	6,8	-
Circo	2,9	6,8	134,5
Design	-	5,1	-

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa de Informações Básicas Municipais 2006/2014

Fonte: IBGE – *Perfil dos Estados e dos Municípios Brasileiros*, Cultura 2014, p.22.

Analisando os dados de 2014 da tabela 1 nota-se a importância do “artesanato”, que está presente em 78,6% dos municípios brasileiros, ocupando o primeiro lugar entre os 19 tipos de grupos artísticos pesquisados, apresentando um crescimento de 22% em 8 anos. É o líder, portanto na presença e também na permeabilidade no território nacional. E seu crescimento de 2006 para 2014 está na faixa intermediária das modalidades, que varia entre 20% e 50%.

Constata-se que o artesanato tem força própria, tem o DNA da comunidade, é um saber fazer de raiz, que passa de geração a geração, é resistente a despeito da relativa falta de incentivo público.

É interessante analisar a tabela das atividades artesanais, que informa as mais praticadas no país e respectivo desenvolvimento de 2006 para 2014.

Tabela 2: Percentual de municípios com atividades artesanais, com indicação de variação percentual, segundo o tipo de atividade desenvolvida, Brasil, 2006/2014.

Tabela 3 – Percentual de municípios com atividades artesanais, com indicação de variação percentual, segundo o tipo de atividade desenvolvida – Brasil – 2006/2014

Tipo de atividade desenvolvida	Percentual de municípios com atividades artesanais (%)		Variação 2014/2006 (%)
	2006	2014	
Bordados	75,4	76,2	1,1
Madeira	39,7	34,1	(-) 14,1
Culinária típica	18,1	30,3	67,4
Barro	21,5	17,5	(-) 18,6
Material reciclável	19,5	24,9	27,7
Fibras vegetais	16,5	12,7	(-) 23,0
Fios e fibras	14,4	13	(-) 9,7
Tapeçaria	12,7	6,3	(-) 50,4
Couro	9,4	8,7	(-) 7,4
Frutas e sementes	9,8	6,9	(-) 29,6
Renda	7,5	7,1	(-) 5,3
Tecelagem	9,5	12,9	35,8
Pedras	4	2,9	(-) 27,5
Conchas	1,8	2	11,1
Vidro	1,2	1,8	50
Pedras preciosas	1,3	1,1	(-) 15,4
Metal	1,7	1,4	(-) 17,6

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa de Informações Básicas Municipais 2006/2014

Fonte: IBGE – *Perfil dos Estados e dos Municípios Brasileiros*, Cultura 2014, p.23.

Observa-se na Tabela 2 que dos 17 grupos de atividade elencados o bordado está em primeiro lugar e apresentou baixo crescimento (1,1%) de 2006 para 2014; enquanto a culinária típica apresentou o maior crescimento (67,4%), fios e fibras estão entre os oito primeiros e teve um decréscimo de 9,7%; o material reciclável e a tecelagem também se destacam pela evolução positiva, nos 8 anos.

Considerando a relevância do artesanato no Brasil e no Estado, foi realizado um levantamento de dados, obtidos através de pesquisa feita junto as Prefeituras de cada município do COREDE Campos de Cima da Serra.

3. Resultado dos questionários enviados para os 10 municípios da região

Os quadros 1 e 2 na sequencia apresentam o resultado da pesquisa realizada com secretários municipais, ou pessoas indicadas por eles como representantes do artesanato nas cidades do COREDE Campos de Cima da Serra. Os objetivos do quadro são: ter uma visão geral do estado da arte do artesanato na região (número de artesãos e grupos, tipologias mais praticadas e sua origem, políticas municipais e perspectivas); analisar a situação e sugerir algumas ações para sua melhoria atendendo os quesitos de identidade, design, demanda do mercado e promoção do trabalho e renda.

Quadro1: Artesanatos mais praticados, número de artesãos e grupos existentes

MUNICÍPIOS/ População	INFORMANTES	ARTESANATOS MAIS PRATICADOS	ARTESÃOS CADASTRADOS	GRUPOS E ASSOCIAÇÕES
VACARIA 65.135 hab	Sec. Turismo e Presidente da AAV	Crochê, couro, grampada, macramê, doces artesanais, madeira, patchwork, bordado, tricô, filé, frivoletê, tear.	90	08
BOM JESUS 11.784 hab	Sec. Turismo	Crochê, doces artesanais, bordado, madeira, couro	25	01
IPÊ 6.448 hab	Sec. Turismo	Crochê, vimes, palha de milho, vidro, pet, madeira, tricô, doces artesanais	18	01
SÃO JOSÉ DOS AUSENTES 3.483 hab	Sec. Turismo, Cultura e Meio Ambiente	Crochê, madeira, tricô, doces, couro, macramê, artesanais, bordado, patchwork	-	02 grupos, um junto ao CRAS, outro inativo.
CAMPESTRE DA SERRA 3.400 hab	Sec. Educação, Cultura, Desporto e Cidadania	Crochê, tricô, bordados, doces artesanais, macramê.	Nenhum	Nenhum
ESMERALDA 3.304 hab	Coordenadora CRAS – Sec. Ass. social	Crochê, couro, madeira, bordado, macramê, patchwork	-	-
MONTE ALEGRE DOS CAMPOS 3.243 hab	Presidente da Associação Artesãos Monte Alegre dos Campos	Crochê, macramê, patchwork, bordado, pintura em tecido	17	Não tem conhecimento
MUITOS CAPÕES 3.147 hab	Associação Capoense de Artesãos. Sec. Ass. Social		22	01 ACA – Associação Capoense de Artesãos
PINHAL DA SERRA 2.115 hab	Sec. Desenvolvimento Social e Habitação	Crochê, macramê, doces artesanais, tricô, patchwork	15	03 grupos informais
ANDRE DA ROCHA 1.300 hab	Sec. Coordenação e Planejamento	Crochê, bordado, filé, doces artesanais, patchwork, tricô, couro, grampada, madeira	20	01 associação

Fonte: autora do artigo com base nas respostas dos entrevistados indicados pelas Prefeituras Municipais Região

Quadro 2: Projetos e perspectivas para o artesanato nos municípios da região

MUNICÍPIOS/ População	PROJETOS MUNICIPAIS PARA ARTESANATO	LIDERANÇAS INCENTIVAM O ARTESANATO	ORIGEM DO ARTESANATO
VACARIA 65.135 hab	a sede da AAV - Assoc. de Artesãos de Vacaria, funciona em prédio da prefeitura	Sim, 03 feiras de artesanato, mais 05 feiras da cidade	Costume, tradição familiar, e escravos
BOM JESUS 11.784 hab	Projeto Inclusão Produtiva	Sim	Portuguesa passa de geração em geração com técnicas e materiais atualizados
IPÊ 6.448 hab	prefeitura criou e mantém a Casa do Artesão	Sim, fomentam a geração de renda	Técnicas passam de geração em geração. Vidros e Vime iniciaram como fonte de renda e hoje modelo de negócio
SÃO JOSÉ DOS AUSENTES 3.483 hab	Prefeitura e CRAS oferecem cursos e oficinas	Sim	Portuguesa, indígena, italiana
CAMPESTRE DA SERRA 3.400 hab	Até o momento não	Sim, mas falta organização e conhecimento para formação de associações e cooperativas.	Tradição
ESMERALDA 3.304 hab	Sim prefeitura e CRAS oferecem oficinas SCFV, cursos de couro, patchwork, trabalho com linhas, pintura tecido e madeira	Sim	-
MONTE ALEGRE DOS CAMPOS 3.243 hab	Não iniciaram os cursos, não vieram verbas	-	-
MUITOS CAPÕES 3.147 hab	Sim, prefeitura e CRAS oferecem oficina que conta com 130 mulheres na sede e interior	Sim, acredita no artesanato como fonte de renda	Materiais encontrados na região: porongo, lã de velha e palha de milho.
PINHAL DA SERRA 2.115 hab	Cursos e oficinas com grupos do interior promovidos pela prefeitura através do CRAS, EMATER, ASCAR, Sind. dos Trabalhadores Rurais.	O município ainda esta engatinhando, busca aumentar os incentivos p as comunidades em beneficio da interação social, da saúde física, mental e financeira	Cultura e tradição estrangeira e até indígena. Ampliou com as visitas a feiras e exposições em outros municípios.
ANDRE DA ROCHA 1.300 hab	A Prefeitura paga o aluguel da Casa do Artesão, custeia cursos e viagens para exposições.	Sim	Familiar

Fonte: autora com base nas respostas dos entrevistados indicados pelas Prefeituras Municipais da Região

Considerando os quadros 1 e 2 resumo da pesquisa realizada nos 10 municípios da região, verificou-se que: **quatro municípios** (40%), os mais populosos da região, os informantes são da Secretaria do Turismo; **cinco municípios** (50%), os informantes são da Secretaria de Assistência Social e afins (Cidadania), ou líderes de Associações de Artesãos indicados pela própria secretaria; **um município** (10%) as informações vieram da Secretaria de Coordenação e Planejamento.

Observa-se que nos quatro municípios mais populosos (Vacaria, Bom Jesus, Ipê e São José dos Ausentes) o desenvolvimento do artesanato está atrelado a Secretaria de Turismo, e pelos dados fornecidos existem 133 artesãos cadastrados e 12 associações, representando 64% e 70%, respectivamente, do total da região.

Quanto à origem dos artesanatos vale ressaltar que: sete municípios (70%) citam a tradição e a herança familiar, um município cita os materiais encontrados na região e um fala de novos modelos de negócios. Outro fato relevante é que em seis (60%) municípios existem investimentos públicos diretos no artesanato através de cursos e oficinas, disponibilização gratuita de local para sede de associações, promoção de feiras e etc.

Os projetos de capacitação para a geração de renda, na maioria das vezes, são promovidos pelo Centro de Referência de Assistência Social, CRAS, unidade pública estatal, que prioriza o atendimento as famílias, e seus objetivos são: a prevenção da ruptura dos vínculos familiares e comunitários, a promoção de ganhos sociais e materiais das famílias, o acesso a benefícios, programas de transferência de renda e serviços socioassistenciais.

Neste aspecto é importante notar que cinco municípios (50%) citam o CRAS e Prefeitura como promotores dos cursos de artesanato. Nas entrevistas percebe-se a relação entre “assistência social” e artesanato, assim são citados os programas “inclusão produtiva”, “oficinas terapêuticas” e “oficinas SCFV” (Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos).

Observa-se, segundo informações coletadas em três municípios (Esmeralda, Campestre da Serra e Monte Alegre dos Campos), que existe carência de incentivos, de recursos e de organização para impulsionar o artesanato. Em contrapartida o Município de Andre da Rocha, o de menor população, se distingue por bancar o aluguel da Casa do Artesão e custear cursos e viagens para exposições.

Os dados coletados apontam para a existência de subsídio do poder público ao artesanato no COREDE Campos de Cima da Serra. Na intenção de traçar um perfil do *statu-quo* do artesanato da região, podemos trabalhar com duas hipóteses de aplicação destes subsídios. A primeira apoia o artesanato vinculado ao turismo que

atende um mercado de turistas nacionais e internacionais que procuram lembranças, “memórias do lugar”, ou seja, produtos estéticos e/ou funcionais de qualidade, que tenham o valor afetivo do “feito à mão”, somado a “identidade do lugar”; cabe lembrar que 70% dos municípios salientaram que a origem do artesanato é a tradição e a herança familiar.

A segunda hipótese mostra um artesanato vinculado à Secretaria de Assistência Social, Cidadania, CRAS e similares, que direciona sua atuação para capacitação de pessoas, famílias carentes (extrema pobreza), em situação de risco, resultando em produtos mais utilitários, de identidade e valor estético questionáveis, e pouco preocupados com demandas de mercado.

Considerando essas duas hipóteses de aplicação dos recursos no artesanato surgem perguntas que poderão ser trabalhadas em próximos projetos de pesquisa. Como capacitar o artesão iniciante que está ampliando possibilidades de aumento de renda? Como qualificar o artesão que já traz a herança do artesanato dos ancestrais? Como melhorar a qualidade do artesanato em geral? Como trabalhar a criatividade? Como tornar o artesanato um produto atraente, com identidade do local que desperte o desejo de compra? Como pensar o artesanato como “design emocional” que além do produto em si tem valor afetivo?

Algumas sugestões para atendimento destas perguntas serão apresentadas com base na experiência da autora com capacitação e qualificação de artesãos.

7 SUGESTÕES PARA QUALIFICAÇÃO DO ARTESANATO COM METODOLOGIAS TESTADAS

Nos conceitos de artesanato, revistos no item 2 deste artigo, saltam aos olhos os valores ligados à cultura, história e essência de um povo, identidade, à herança transmitida de pais para filhos, ao valor simbólico, calor humano, singularidade e pertencimento, enfim o produto do artesanato é afetivo e emocional. Compreendendo estes valores faz muito sentido a constatação da pesquisa do IBGE (2006) que afirma: o artesanato é “a atividade cultural de maior ocorrência nos municípios brasileiros” (BORGES, 2011); todos pertencemos a um lugar e esse lugar tem suas formas de expressão cultural, o artesanato é uma delas.

É necessário, portanto, aprimorar e atualizar essas expressões culturais para que se tornem fonte de “economia criativa” geradora de renda. Um dos caminhos é realizar oficinas, com metodologias apropriadas, que promovam a interação do artesanato com o design, que no seu sentido amplo, “é responsável por determinar o



APOIO



REALIZAÇÃO



conceito, a forma e o valor estético dos produtos que fazem referências a um tempo, um espaço e talvez um indivíduo ou uma comunidade”. (MELLO, 2008, p.81).

Na sequência serão apresentados dois formatos de oficinas já testadas pela autora e equipes. A primeira, que se classifica como “oficina niveladora” porque acolhe artesãos que tem um saber fazer básico e iniciantes. E, a segunda, que se classifica como “oficina avançada”, porque tem como público alvo artesãos que dominam ao menos uma tipologia artesanal.

7.1 Oficina niveladora

A oficina conta com quatorze encontros, dois por semana, com duração de três horas cada, totalizando 42 horas. A parte teórica da oficina ocupa 15 horas e os temas abordados são: 1) identidade cultural da região; 2) composição e aprimoramento estético; 3) estado da arte do artesanato e a moda e vice-versa; 4) apreciação do artesanato dos imigrantes em visita ao museu municipal, ou similar; 5) empreendedorismo, trabalho em equipe, associativismo e cooperativismo.

A sequência planejada das aulas teóricas busca fornecer informações e conhecimentos para incentivar a criatividade, reconhecer valores de identidade regional (paisagens, poesias, costumes, músicas, flores, frutas, folclore, brinquedos, crenças, etc); aprimorar o gosto; inserir princípios da moda; reconhecer valores do passado e atualizá-los; compreender o mercado de consumo.

As atividades práticas somam 27 horas que trabalharam as etapas a seguir: pesquisa de tendência; escolha do tema de coleção, materiais e cores a serem utilizados; estudo e aplicação das especialidades artesanais dos participantes; quadro de coleção coletivo (moda vestuário ou moda casa); ficha técnica de produto; formação de custo e preço de venda; execução dos protótipos; e apresentação dos resultados em mostra ou desfile. As atividades práticas de desenvolvimento de coleção utilizaram a base conceitual do desenvolvimento de coleção de Moda do Vestuário de Treptow (2003, p. 91-201). Cabe salientar que o tema de inspiração, os materiais, cores, formas da coleção, etc, são decididos e seguidos por todos participantes, intensificando a ideia de coesão, de coletivo. A coleção é desenvolvida em equipe, com orientação de um designer e dois ou mais acadêmicos de design dependendo do número de participantes. É sabido que a lógica da moda expandiu-se para outros segmentos de produtos, ela incentiva a novidade e por isso mesmo tem condições de renovar o artesanato que seguidamente estaciona na tradição.

Para detalhes maiores consultar o artigo De Carli e Peretti (2017) *Da oficina de moda e artesanato à associação Damas & Tramas*.

7.2 Oficina avançada

A oficina avançada também contempla aulas teóricas e aulas práticas. A duração total é de 90 horas, distribuídas em vinte e seis encontros, um por semana de três horas e meia cada. Esse modelo prevê a assessoria de um designer experiente que participa em seis encontros; dois coordenadores e mais dois a quatro bolsistas, dependendo do tamanho da turma, participam de todos os encontros. Os coordenadores e bolsistas devem ser preferencialmente professores e alunos de cursos de design.

O início das atividades contempla a realização de duas tarefas: a primeira refere-se a análise do perfil das artesãs e utiliza de um questionário individual com três questões básicas: “Quem eu sou? De onde vim? Para onde vou?” Na sequência, aparecem perguntas que detalham a atividade de cada artesã: produtos, materiais, concorrência, clientes, projetos para desenvolver e reconhecimento do artesanato regional. Os objetivos destas tarefas são: conhecer as participantes e provocar a auto reflexão e o autoconhecimento.

A segunda tarefa é a pesquisa iconográfica no município; assim, um grupo de participantes voluntárias visitam, com transporte coletivo contratado pelo projeto, os pontos turísticos da cidade e distritos bucólicos vizinhos, tendo por objetivo registro fotográfico para releitura do lugar. Essa releitura é ponto de partida para criação e próximas tarefas. As artesãs que não participam desta atividade, fazem fotos em seu próprio entorno. Todas as imagens da pesquisa são agrupadas divididas em temas genéricos como: terra, paisagem, arquitetura, religiosidade, culinária, jogos, poemas, contos, tramas e outros.

A originalidade e identidade cultural são valores no artesanato, e constituem características importantes no processo de renovação. Assim o resultado da pesquisa é um indutor à reflexão que poderá transformar conceitos e cultura em produtos com valor agregado. Na mesma linha de pensamento, Morace (2009) traz a expressão latina *Genius Loci* (talento do lugar), que tem uma natureza distintiva, portadora de identidade e é decisiva nos projetos de qualquer área de atuação. A explicitação do *Genius Loci* permite distinguir as “raízes culturais através das quais um país, uma região, um lugar, uma empresa, um produto, plasmam a própria identidade”.

Voltando as atividades da oficina, monta-se: o *moodboard* (painel de inspirações), destacam-se elementos, cartela de cores, desenho das linhas e formas que referenciam a região, combinando com as tipologias artesanais. Individualmente

cada artesão monta sua cartela de cores e define o mix de produtos para a sua coleção, ambos baseados na metodologia da *Pirâmide de Consumo*.

Aqui aparece a diferença entre oficina niveladora e a oficina adiantada. A primeira desenvolve as etapas coletivamente, e a coleção é o conjunto dos trabalhos artesanais elaborados com a mesma temática; a segunda incentiva o desenvolvimento de coleção individual. E ambas privilegiam o local para criação de novos produtos com identidade.

O desenvolvimento das coleções individuais de artesanato utiliza uma adaptação feita pelo designer Walter Rodrigues (2017) da Pirâmide de Consumo do Fórum de Design Inspiráveis, promovido pela Assintecal (Associação Brasileira de Empresas de Componentes para Couro, Calçados e Artefatos), que segue:

A base (60%) corresponde aos produtos pelos quais o artesão já é reconhecido. A cartela de cores deve ser composta por cores observadas em lugares de moda (lojas de roupa, acessórios, cama e mesa, decorações, etc.). Os materiais utilizados são os disponíveis no mercado de artesanato, principalmente aqueles indicados pelas vendedoras. Aqui o artesão deve pensar em preços competitivos e em clientes que já reconhecem seu trabalho.

No centro da pirâmide (30%) a cartela de cores e materiais devem referenciar as informações dos sites de tendência. Nesta fase o artesão pode adotar uma nova tipologia artesanal e/ou tentar extensão ou nova linha de produtos, pensando na ampliação da clientela.

O topo da pirâmide (10%) corresponde ao novo e à experiência. A cartela de cores deve ser composta por cores nunca usadas e baseada nas inspirações. Devem ser utilizados novos materiais (tecidos, linhas, pedrarias e fios); novas tipologias artesanais, ou inová-las. Este é o momento para pensar em novos clientes ou naqueles que compram produtos diferenciados, por isso agregar valor ao produto é mais oportuno do que manter preço de concorrência. É importante ter uma história para contar e inspirar, ter uma narrativa que cause encantamento. Com o uso sistemático da Pirâmide de Consumo os 10% representam testes de mercado, que obtendo resultado positivo poderão compor os 30% da próxima coleção.

Os encontros práticos da oficina foram dedicados para o desenvolvimento total de 10 produtos por artesão, distribuídos conforme os percentuais indicados na Pirâmide: 06 produtos básicos, 03 produtos de moda e 01 produto de vanguarda.

Os encontros teóricos privilegiaram os seguintes temas: criação e desenvolvimento de marca, etiquetas e apresentação do produto; formação de custo e preço de venda; releitura de artesanatos de acervos tradicionais; participação em exposições e feiras; formação de associações e/ou cooperativas.

Mais detalhes sobre a metodologia da “oficina avançada” estão em De Carli, De Ross, Haefliger e Rodrigues (2017) no capítulo *Design e tecnologias sociais para emancipação do artesanato*.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Experiências como as oficinas “niveladora” e “avançada”, brevemente descritas acima, podem e devem ser multiplicadas e aperfeiçoadas em outras comunidades. Por isso apelamos novamente para a lei Nº13.518, de 13 de setembro de 2010, que cria o PGA, Programa Gaúcho do Artesanato; a mesma lei integra ao Programa a Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social, FGTAS, que tem a competência de “estabelecer cooperações técnicas com instituições públicas, privadas ou entidades representativas, com vista à adoção de ações que promovam a qualificação profissional do artesão”.

A qualificação profissional do artesão é uma necessidade constante que tem sustentação na lei. Revendo o mapa, a Região Funcional 3 abriga o COREDE Serra, que conta com várias universidades e instituições de ensino superior com cursos de design. Desta forma, é possível promover oficinas de artesanato no COREDE Campos de Cima da Serra com a assessoria de designers, professores e acadêmicos de design dos municípios de Caxias do Sul e Bento Gonçalves. A proximidade geográfica facilita projetos intermunicipais compondo uma sinergia positiva para o desenvolvimento do artesanato. O reconhecimento das técnicas com potencial permitirá, a curto prazo, investir na inovação e no aprimoramento contínuo do artesanato por meio de cursos e oficinas itinerantes. É importante para isso articular o poder público, as universidades e os artesãos para a geração de emprego e renda na produção de produtos artesanais diferenciados com valores do design, da identidade e de mercado. E num *continuum* incentivar a formação de associações e cooperativas e consolidar as existentes.

Isto posto, a sugestão das autoras é que os municípios do COREDE Campos de Cima da Serra iniciem programas de cooperação técnica com instituições de ensino superior do COREDE Serra, mais especialmente com o curso de Design de Moda da Universidade de Caxias do Sul. O curso tem experiência de 25 anos de interação com o segmento empresarial das malharias e confecções de moda da região e, há aproximadamente 10 anos, iniciou projetos de extensão universitária que promovem a interação do design de moda com o artesanato.

A sugestão de investir em projetos que mobilizem o poder público, as universidades e os artesãos aponta como promissora, a curto prazo, para os artesanatos mais femininos dos fios e fibras (crochê, tricô, macramê, grampada, etc.) e os bordados. A médio prazo, as cooperações entre os cursos de Design de Objetos e



APOIO



REALIZAÇÃO



Design de Interiores poderão ser muito produtivas para os artesanatos que trabalham com madeira, couro, fibras vegetais (vime e palha de milho).

Assim este artigo trouxe informações pertinentes ao artesanato praticado no território nacional, pautou a constituição do Programa Gaúcho do Artesanato e algumas leis que favorecem e incentivam suas práticas, relacionando ambos com as vocações artesanais dos Campos de Cima da Serra.

Após a análise da pesquisa de campo realizada junto às prefeituras daqueles municípios, foram sugeridas algumas ações para qualificar artesanatos e artesãos por meio de oficinas e cursos que melhorem suas performances. O artesanato precisa ser um produto de geração de emprego e renda e, mais, um produto de reconhecido valor de mercado com qualidade, primor estético, design e identidade. A emancipação através destes valores facilitará sua comercialização sem fronteira.

Referências

AGUIAR, Titta. *Moda artesanal brasileira na visão de um personal stylist*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.

BERTÊ, A.M.A., LEMOS, B.O., TESTA, G., ZANELLA, M.A.R., OLIVEIRA, S.B. *Perfil Socioeconômico - COREDE Campos de Cima da Serra*. Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n. 26, p. 112-145, fev. 2016. PERFIL SOCIOECONÔMICO - COREDE CAMPOS DE CIMA DA SERRA. Disponível em:

Biblioteca IBGE disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95013.pdf>, acesso em 15 jun 2017

BORGES, Adélia. *Design + Artesanato: o caminho brasileiro*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

CADERNOS DE REGIONALIZAÇÃO. Região Funcional 3 – RF3. Perfil Socioeconômico. Plano Plurianual 2016-2019. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Secretaria do Planejamento, Mobilidade e Desenvolvimento Regional. Departamento de Planejamento Governamental. PPA. 2016/2019. Disponível em: <http://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201512/15134141-20151117111849caderno-final-rf3.pdf>. Acesso em 03, Abril, 2017

CRAS - Cidadania e Justiça disponível em <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2011/10/conheca-o-centro-de-referencia-de-assistencia-social>. Acesso em: 18 maio 2017.

Diário oficial da União, seção 1, Nº 192, quarta-feira, 6 de outubro de 2010. P. 100. MDIC. SECRETARIA DE COMÉRCIO E SERVIÇOS. Portaria No- 29, de 5 de outubro de 2010. Este documento pode ser verificado no endereço eletrônico <http://www.in.gov.br/autenticidade.html> pelo código 00012010100600100.

DE CARLI, Ana Mery Sehbe; DE ROSS, Gilda Eluiza; MARTINS, Roberta Haefliger; RODRIGUES, Walter. *DESIGN E TECNOLOGIAS SOCIAIS PARA EMANCIPAÇÃO DO ARTESANATO*. In: QUARESMA, Debora M. Macedo; VALENTE, Patrícia S. (Orgs) No contínuo da sustentabilidade. Curitiba: Ed. Appris. No prelo.

DE CARLI, Ana Mery e PERETTI Jucelda. *Da oficina de moda e artesanato à Associação Damas & Tramas*. IN: Oliveira, C.W.; Costa, J.A.; Figueiredo, G.M.; Moraes, A.R.; Silva, I.R. (Orgs.) Arranjos Produtivos Locais e desenvolvimento IPEA, 2017.

KRONE, E. E. *Identidade e cultura nos Campos de Cima da Serra (RS): práticas, saberes e modos de vida de pecuaristas familiares produtores do queijo serrano*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Jaguarão: Fundação Universidade Federal do Pampa, 2011. 226p. (e-book)

MANUAL DE ORIENTAÇÃO DO ARTESANATO GAÚCHO (2015). Disponível em: <http://www.fgtas.rs.gov.br/upload/arquivos/201510/21122806-manual-de-orientacao-pga-versao-final-c-correcao.pdf>. Acesso em 10 maio, 2017

MELLO, Márcia M. Couto. *Design, moda, arquitetura e urbanismo: uma geometria*. IN: PIRES, Dorotéia Baduy (org). *Design de moda olhares diversos*. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2008, p.81

MORACE, Francesco. *A globalização e o futuro brasileiro*. IN: Dalpra, P. (Org) DNA Brasil. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

Programa Gaúcho de Artesanato – PGA – LEI Nº 13.518, DE 13 DE SETEMBRO DE 2010. Disponível em: <http://www.fgtas.rs.gov.br/programa-gaucho-do-artesanato> Acesso em: 10 maio 2017.

Perfil dos Estados e dos Municípios Brasileiros, Cultura (2014). Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95013.pdf> Acesso em: 11 abr 2017.

QUARESMA, Débora; VALENTE, Maria Macedo; SOLDATELLI, Patrícia. *No contínuo da sustentabilidade*, Curitiba: editora Appris, no prelo com revisão de lançamento dezembro de 2017.

RODRIGUES, Walter. *Assessoria no curso Artesanato e Design: empreendedorismo e economia criativa*. Promoção Polo de Moda da Serra Gaúcha. Coordenação Gilda Eluiza De Ross. Fonte financiadora: Instituto Renner e ONU Mulheres. (Out. 2016 a março 2017).

TONETTO, Leandro Miletto e COSTA, Felipe Camargo. *Design emocional: conceito, abordagens e perspectivas de pesquisa*. Strategic Design Research Journal, 4(3): 132-140 September-December 2011 ©2011 by Unisinos - doi: 10.4013/sdrj.2011.43.04

TREPTOW, Doris. *Inventando Moda: Planejamento de coleção*. Brusque, SC: D. Treptow, 2003.

VENZON, Bernadete L. Susin; RELA, Eliana; MANFREDINI, Mercedes Lusa. *Design e identidade sustentável: valores locais como base para a inovação*. Caxias do Sul – RS: Editora São Miguel, 2012.

Relação dos entrevistados

Andre da Rocha: Fabiana Braciak Prestes, Secretária de Coordenação e Planejamento. planejamento@andredarocha.rs.gov.br, em 17/05/2017

Bom Jesus: Aline de Camargo, Secretaria de Turismo. turismo@bomjesus.rs.gov.br, em 06/03/2017

Campestre da Serra: Daiana Michelon, Secretária de Educação Cultura, Desporto e Cidadania educacao@campestedaserra.rs.gov.br, em 03/04/2017. Fone: (54) 3235 1246

Esmeralda: Alessandra Andrade Brehm, Coordenadora do CRAS. Fone 3354 1719 rosaroselimando@hotmail.com; as_socialesmeralda@terra.com.br, em 03/4/2017

Ipê: Onanda Leoratto, Departamento de Turismo. Fone (54) 3233 1050 turismo@ipe-rs.com.br, em 04/04/2017

Monte Alegre dos Campos: Joaquina Daros, Presidente da Associação de Artesãos de Mote Alegre dos Campos e Marisa Vieira Alves marisavieiraalves@yahoo.com; socialmac@outlook.com em 10/04/2017

Muitos Capões: Tânia Mesquita, Secretária da Associação - CRAS
smas@muitoscapoes.rs.gov.br, em 04/04/2017

Pinhal da Serra: Lurdes Matins, Secretária Municipal de Desenvolvimento Social e Habitação
smdsh@pinhaldaserra.rs.gov.br ; lurdesmpinhal@yahoo.com cel: 98435.6117, em 04/04/2017

São José dos Ausentes: Daiane Stecanela Cardoso Donadel, Agente Administrativo Auxiliar Sec. de Turismo sectur@saojosedosausentes.rs.gov.br, em 28/03/2017. Fone: 3234 1006

Vacaria: Joseli Confortin, Presidente da Associação dos Artesãos de Vacaria.joseliconfortin@terra.com.br , em 15/02/16



APOIO



REALIZAÇÃO

